

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Lucas Santos Freitas

ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
crônicas, memórias, músicas e futebol

Produto Jornalístico

Mariana – MG

2019

Lucas Santos Freitas

**ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
crônicas, memórias, músicas e futebol**

Memorial descritivo do livro de crônicas, produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Hila Rodrigues

Mariana – MG

2019

F745a

Freitas, Lucas Santos.

Além das quatro linhas [manuscrito]: crônicas, memórias, músicas e futebol / Lucas Santos Freitas. - 2020.

01 CD-ROM (4 3/4 polf.: + 01 livro (Além das quatro linhas: crônicas, memórias, músicas e futebol. 34p. il.).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Hila Rodrigues.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo e Serviço Social.

1. Crônicas - Teses. 2. Jornalismo - Teses. 3. Narrativa (Retórica) - Teses. 4. Futebol - Teses. 5. Além das quatro linhas: crônicas, memórias, músicas e futebol. I. Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 070:796

Catálogo: ficha.sisbin@ufop.edu.br



FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS SANTOS FREITAS

ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
crônicas, memórias, músicas e futebol

Membros da banca

Nome - Prof. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues (UFOP)
Nome - Prof. Dr. Frederico de Mello Brandão Tavares (UFOP)
Nome - Prof. Dr. Cláudio Rodrigues Coração (UFOP)

Versão final
Aprovado em de 1º de novembro de 2019

De acordo

Professor (a) Orientador (a) Hila Bernardete Silva Rodrigues



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/11/2019, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0024934** e o código CRC **3B7DDD88**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.203457/2019-80

SEI nº 0024934

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

“Faça as coisas mais difíceis enquanto são fáceis e faça as grandes enquanto são pequenas. Uma jornada de 1000 milhas deve começar com um único passo.” (Lao Tsé)

E o primeiro passo foi dado. Agradeço aos meus pais Letícia e Marcelo pelo apoio e amor incondicionais durante toda a minha vida. Essa conquista também é de vocês. A Roberto pelo companheirismo, carinho e atenção. A você só gratidão! Agradeço aos meus avós Alédio, Célia, Edson e Jalice pelo carinho e motivação para que eu sempre estivesse bem, mesmo vivendo em outro Estado. Agradeço a todos os tios e tias representados aqui pelo meu padrinho e madrinha, Anselmo e Cláudia, e os seus companheiros Patrícia e Fernando, por serem pais na ausência dos biológicos. Aos meus irmãos, Caio e Gabriel, que apesar de mais novos, me ensinaram muito durante todo esse tempo. A todos os meus primos, em especial, Guilherme Almeida, Thiago Marçal e Felipe Freitas pela convivência durante os anos e por serem irmãos de vida. Agradeço a Kelen Barros por todo amor, carinho e parceria compartilhados durante três anos. A República Insônia, alunos, ex-alunos e homenageados, por, como uma mãe, me acolher e por me dar uma nova família, que carregarei para sempre no coração. Especialmente ao Geisson, por ter sido meu irmão de batalha, compartilhando assim, experiências e histórias durante todo o período da graduação. Insônia até a morte! As Repúblicas Pinups, Cheia de Graça, Sanatório, Galinheiro e Mocambos, por todos os rocks e pela amizade durante os anos de graduação. Ao VTCM por ter sido família no melhor intercâmbio que Portugal já viu. À Casa de Vidro por ter me acolhido de coração aberto. Ao The Boys, por serem os melhores amigos do mundo, que, apesar da distância, nunca me abandonaram. Vocês são incríveis! À Duda e Marielle, pelos conselhos e amizade durante todo esse tempo. Aos amigos que fiz em Mariana e Ouro Preto, em especial, Lara Massa, Mariana Laurenti, Iara Campos e Thiago Andreuci, a amizade de vocês fez com que a vida na cidade histórica fosse muito mais especial. Agradeço também à Verbalize!Jr., à TV UFOP e

ao Jornalismo 14.2 por todo o aprendizado e experiências proporcionadas, além dos conteúdos da graduação. Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os professores e professoras que tive na Universidade Federal de Ouro Preto, em especial à minha orientadora Hila Rodrigues pelos ensinamentos e puxões de orelha. E aos amigos Gabriel Rodrigues e Bruno Miné, por contribuírem com planejamento gráfico e ilustrações. Sem vocês este trabalho não seria possível. Viva a Universidade pública, gratuita e de qualidade!

RESUMO

Esse memorial descritivo apresenta o processo de criação, estruturação e organização de um livro de crônicas sobre o futebol e sobre a participação do futebol na vida do autor. É também um livro sobre os afetos mobilizados por esse esporte. A escolha de um livro de crônicas se deve às características desse gênero, que é marcado, principalmente, por uma linguagem simples, muito própria do cotidiano. Além disso, proporciona reflexões sobre o dia-a-dia como substância do texto. Por meio dessa linguagem simples, objetiva e coloquial, este produto teve como base as relações sociais e afetivas do autor com o futebol, de modo que as memórias, vivências e sentimentos pudessem dar novos significados a esse esporte e à arte de escrever sobre esse esporte.

Palavras-chave: crônica; jornalismo; narrativa; futebol; memória.

ABSTRACT

This descriptive memorial presents the process of creating, structuring and organizing a book of chronicles about football and the roll of football on the author's life. It is also a book about the affections mobilized by this sport. The choice of a book of chronicles is due to the characteristics of this genre, mainly defined by a simple language, very typical of everyday life. It also provides reflections on everyday life as the substance of the text. Through a simple language, which is also objective and colloquial, this product based itself on the author's social and affective relationships with football. The idea is that memories, experiences and feelings could give new meanings to this sport, but also to the art of writing about this sport.

Keywords: chronicle; journalism; narrative; soccer; memory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
1.1	A crônica	5
1.2	O futebol.....	8
1.3	A técnica e a poesia	9
2	PLANO DE TRABALHO	9
2.1	Crônica e memória	9
2.2	O livro	10
2.3	O projeto gráfico	11
3	PAUTA ESTENDIDA.....	12
3.1	As histórias	12
3.1.1	Morada	13
3.1.2	O viajante	13
3.1.3	O clássico dos milhões: uma rivalidade à parte	14
3.1.4	Teoria comportamental.....	15
3.1.5	País do futebol	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
	REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo explorar o gênero jornalístico – e literário – da crônica através de histórias cotidianas que têm o futebol como principal temática. Elas originam-se nas memórias e vivências do autor, usando, como base, as influências de jornalistas e escritores como Armando Nogueira, Nelson Rodrigues, Xico Sá, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Barreto e Carlos Drummond de Andrade, em especial. Inspirado nessas memórias e vivências, as histórias de futebol aqui presentes estão atravessadas também por afetos que se relacionam a tempos e lugares diferentes. Assim, cidades, países, estádios e ambientes familiares se misturam a etapas distintas da vida, como a infância e a juventude. Essa memória afetiva também trouxe a música para essa narrativa.

A ideia é demonstrar como as histórias do dia a dia – na forma da crônica – podem contribuir para dar uma noção das variadas potências deste esporte, que está ligado às relações sociais de cada indivíduo inserido no universo do futebol. Sentimentos e experiências são capazes de expor os diversos vínculos possíveis com o esporte por meio das emoções, dos atos de carinho, das lembranças e da maneira como a memória futebolística das pessoas pode contribuir com a formação de um ser social.

Para desenvolver esse projeto, foi necessário analisar a crônica em sua forma jornalística, mas também literária, sob um olhar pontual do autor, a fim de descobrir as emoções e sensações que o futebol propicia. Era preciso evidenciar situações que faziam com que a paixão pelo futebol fosse justificada – e esclarecer certos detalhes que muitas vezes passam despercebidos pelos próprios torcedores e pela mídia, mas que completam o sentido do esporte.

1.1 A crônica

Além de ser o campo de maior interesse do autor, a crônica reflete um gênero jornalístico subjetivo que se destaca peculiarmente. Jorge de Sá (1992), ao traçar o processo histórico da crônica no Brasil, utiliza como o marco do início da narrativa no país os relatos de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel, na época do descobrimento. O próximo registro, ao longo do tempo, é feito a partir do início dos folhetins – e então é que emerge a crônica propriamente dita, certamente diferente daquilo que caracterizava um conto:

Muitos pensam que narrativa curta é sinônimo de conto, perdendo de vista os gêneros que, por tradição ruim, continuam à margem da nobreza. Acontece que o conto tem uma densidade específica, centrando-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem que essa exemplaridade se refira a valoração moral, já que uma grande mazela pode muito bem exemplificar uma das nossas faces. (SÁ, 1992, p.7)

Entendemos, portanto, que, a crônica se difere das outras narrativas – como os contos e os romances – pela própria estrutura e também pela forma como os acontecimentos são relatados. Nela, há um tempo de escrita, há um tipo de “apuração” quando elementos e acontecimentos do cotidiano são observados e relatados, um tempo de leitura do sujeito, uma certa linguagem utilizada e uma extensão do texto, entre outros aspectos. A estrutura dá ao autor uma liberdade de construção. O relato da crônica costuma ser direto e objetivo, com o uso de uma linguagem mais coloquial para atender a leitores de diferentes classes sociais. É esperado que a leitura seja marcada por maior fluidez em relação a outros gêneros literários exatamente por oferecer uma experiência mais leve e, em certa medida, mais saborosa (SÁ, 1992).

Mas a crônica, como gênero jornalístico, é marcada também pela predisposição do autor de abordar temas relacionados a diversos lugares que fazem parte do dia a dia do leitor, e também pela forma simples como são narrados os acontecimentos. Algumas narrativas podem ressaltar elementos belos, mas muitas vezes despercebidos pelo leitor, que é surpreendido pelos encantos de uma história cotidiana, gerando, assim, beleza no que se propõe a causar. Essa forma de contar histórias ou transmitir relatos está presente nos primeiros escritos do mundo sobre os acontecimentos ao redor – tanto que marca a história dos viajantes, chamados por José Marques de Melo de “narradores privilegiados” (2002):

A crônica é um gênero do jornalismo contemporâneo, cujas raízes localizam-se na história e na literatura, constituindo suas primeiras expressões escritas. Os primeiros textos históricos são justamente as narrações de acontecimentos, feitas por ordem cronológica, desde Heródoto e César a Zurara e Caminha. A atividade dos “cronistas” vai estabelecer a fronteira entre a logografia – registro de fatos, mesclados com lendas e mitos – e a história narrativa – descrição de ocorrências extraordinárias baseadas nos princípios da verificação e da fidelidade. (...) Na literatura, a crônica afigura-se como texto primário, produzido por espectadores privilegiados – os viajantes ou epistológrafos – que traduzem para leitores distantes as suas impressões de paisagens vistas e gentes conhecidas (MELO, 2002, p.139-140).

No que diz respeito aos processos de apuração que marcam a crônica, faz-se necessário levar em conta a concepção de Rogério Menezes sobre os processos de observação que resultam no produto desses narradores:

Tenho tese talvez polêmica sobre o assunto. Há quem ache que o cronista deve sair às ruas e se identificar como se fosse jornalista-cronista às pessoas que encontra e que podem ser temas de suas crônicas e ouvi-las e entrevista-las formalmente. Discordo. O método da entrevista e da apuração acurada, fundamental na prática jornalística propriamente dita, não tem sentido no, chamemos assim, cronismo. O cronista tem que ter cara de paisagem, agir anonimamente, incógnito. Só assim conseguirá chegar perto do mundo real, e vê-lo, santíssima pretensão, exatamente como ele é. Ou parece ser. (MENEZES, 2005, p.166)

Desse modo, um cronista estará sempre explorando aquilo que lhe parece natural no cotidiano, unindo algumas abordagens próprias do jornalismo, mas recorrendo, também, à linguagem poética da literatura. Muito diz-se sobre a diferença do gênero jornalístico e do gênero literário da crônica. Para alguns estudiosos, como Menezes, produzir uma crônica exige, dentre outras habilidades, a capacidade de ressaltar elementos muitas vezes despercebidos. Mas os estudos também indicam que um gênero não exclui necessariamente o outro. Como observa Jorge de Sá (1992), uma crônica pode ser tão literária quanto jornalística. Para exercer o “fazer jornalístico” é necessário utilizar-se da poética literária – afinal de contas, as notícias também precisam ser capazes de envolver o sujeito. Existe beleza e encantamento em certas narrativas do dia a dia. É possível identificar, em alguns relatos, poesia que se mistura à informação – e que resulta na magia de algumas crônicas produzidas a partir de elementos originários tanto do jornalismo como da literatura. Jorge de Sá exemplifica essa circunstância:

O jornalista não deve simplesmente registrar uma notícia. Cabe a ele explorar o poder das palavras para que o leitor possa vivenciar, com emoção semelhante à do repórter, aquilo que está sendo narrado. Não sendo um bom redator (ou se for um redator muito preso ao esquema impessoal de reportagem), ele se limitará a escrever: “João José Gualberto, vulgo ‘Sorriso’, foi preso na madrugada de ontem, no Beco da Felicidade, por ter assaltado a Casa Garson, de onde roubara um lote de discos”. Sérgio Porto, consciente das técnicas narrativas e dos recursos da língua portuguesa, reescreve a notícia assim: “O Sorriso roubou a música e acabou preso no Beco da Felicidade”. O humor, portanto, assume a função de recuperar a poesia, confirmando que a crônica e seu contexto jornalístico são uma realização literária sempre (SÁ, 1992, p.33)

O “cronismo” é, portanto, um estilo de texto único, com elementos do jornalismo – mas um jornalismo orientado também pela literatura, como observou o escritor Moacyr Scliar ao relatar sua experiência com a produção de crônicas na redação. Para ele, a literatura pode orientar e ensinar o jornalismo ao se ater à forma e ao ato de escrever e reescrever, além de valorizar o exercício da imaginação. Nesse sentido, a fronteira entre literatura e jornalismo seria porosa: “(...) é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. No

passado, grandes escritores foram grandes jornalistas: o caso de Machado de Assis, de Lima Barreto. Nada impede que esta tradição tenha continuidade” (SCLIAR, 2005, p.14)

1.2 O futebol

Um dos mais frequentes temas na crônica brasileira é o futebol, esporte popular do país e palco de personagens singulares, capazes de render muitas e diferentes histórias, de Pelé e Garrincha até Ronaldinho Gaúcho, entre tantos outros. José Miguel Wisnik, em sua obra intitulada *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, lembra que o cineasta Pasolini considerava o futebol um tipo de linguagem. O diretor italiano dizia que, no Brasil, o esporte era jogado como se fosse poesia – e não tanto devido ao lirismo, mas por causa das imprevisibilidades decorrentes dos dribles e outas artimanhas:

Pasolini não falava de poesia no sentido vago e costumeiro de uma “aura” lírica qualquer a cercar o futebol. Também não estava projetando “conteúdos” narrativos para dentro do campo. Em vez disso, influenciado, e não sem humor, pela voga semiológica da época, identificava processos comuns aos campos da literatura e do futebol: pode-se dizer que via na prosa a vocação linear e finalista do futebol (ênfase defensiva, passes triangulados, contra-ataque, cruzamento e finalização), e na poesia a irrupção de eventos não lineares e imprevisíveis (criação de espaços vazios, cortaluzes, autonomia dos dribles, motivação atacante congênita). Sugeria com isso, pela via estética, uma maneira de abordar o jogo por dentro, e nos dava, de quebra, uma chave original para tratar da singularidade do futebol brasileiro. (WISNIK, 2008, p.13)

Nesse trabalho, o futebol surge, assim, como um dos elementos formadores da nossa identidade. Muitas vezes, é por meio dele que expressamos as nossas emoções. O futebol faz parte de movimentos políticos e acontecimentos históricos, e aproxima-se da realidade dos seus adeptos por ser um esporte popular, que abriga diferentes classes sociais. O futebol – apesar dos interesses financeiros que o atravessam e orientam – ainda é capaz de unir povos, gêneros e credos. Apesar dos escândalos de corrupção, da violência e dos preconceitos que têm atravessado a história de tantos times e jogadores, trata-se de um esporte especialmente importante na trajetória do país. Representa um universo complexo, que reverbera eventos e rivalidades históricas. Um exemplo é a rivalidade entre o Brasil e a Argentina: evidencia-se no campo, especialmente durante as copas do mundo, mas advém de guerras e embates territoriais antigos – caso da Guerra da Cisplatina, com a disputa entre o Império do Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata, atual Argentina, pela Província Oriental do Rio da Prata, hoje Uruguai.

Essa escolha do futebol como principal tema de um livro de crônicas também está relacionada à oportunidade que ele oferece para a produção de relatos que retratam a magia e as emoções proporcionadas pelos espetáculos de vários jogos. Relatos que revelam o valor simbólico do esporte e a construção social que envolve a arte da bola no pé. Nesse viés, temos a luta contra diferentes tipos de preconceito no esporte, a união de classes e povos, os acontecimentos históricos – tanto na história mundial quanto na história do futebol brasileiro. É possível falar de inclusão, de solidariedade e empatia.

1.3 A técnica e a poesia

A maior inspiração para esse trabalho foi a produção do jornalista e cronista esportivo brasileiro Armando Nogueira que, na maioria dos seus textos sobre o futebol, combinava técnica, poesia, informação, imaginação, seriedade e ironia. Um exemplo disso é o livro *A ginga e o jogo*. Armando vivenciou conquistas e derrotas da seleção brasileira, além de tudo o que aconteceu no esporte nacional e internacional desde a copa de 1950 até a conquista do penta em 2002. “O esporte é uma das mais ricas manifestações de vida que eu conheço. Contém todas as virtudes e todos os pecados da criatura humana, dos mais sublimes aos mais subalternos” (NOGUEIRA, 2003, p. 81). E, de fato, essa constatação é o que dá espírito a este trabalho.

2 PLANO DE TRABALHO

2.1 Crônica e memória

Ao escolher a crônica, o narrador precisa acionar a memória. O principal objetivo deste livro é compartilhar memórias e afetos, pensando o futebol e as gerações. A identidade pessoal é delineada a partir do acesso a variadas memórias que conformam o indivíduo. O sujeito torna-se um ser social a partir das lembranças que carrega. Nesse livro de crônicas, o autor, através das memórias – próprias ou de outros – relata eventos ligados à afeição por alguns clubes, pessoas, equipes e acontecimentos.

Além de acessar recordações e vivências do passado, foi preciso coletar dados e informações sobre o futebol no mundo e no Brasil. Conteúdos específicos precisaram ser acessados para abordar coisas simples, como, por exemplo, a rivalidade histórica entre

Flamengo e Vasco – ou a história do Clube de Regatas Vasco da Gama, bem como a história do futebol nacional e internacional, ou, ainda, a história do futebol carioca. Foi preciso buscar detalhes sobre os contextos sociais de certos períodos históricos – o que resultou em pesquisas que revelavam, por exemplo, o cenário em que se deu a promulgação da CLT, as particularidades da história do Rio de Janeiro ou da trajetória traçada pelo navegador português Vasco da Gama.

Também se fez necessário um exercício de rememoração, já que era preciso trabalhar algumas lembranças pessoais – o que foi feito a partir de um esforço para trazer à tona recordações do passado. Recordei conversas com meus pais sobre meu nascimento, eventos de infância, acontecimentos e aspectos das cidades em que morei, dos colégios em que estudei (como o Corujinha), minha relação com o meu padrinho, lugares específicos em que estive (como o banheiro da casa da minha avó Célia, que fica na cidade de Saquarema), minha vida futebolística, entre outras reminiscências.

2.2 O livro

Produzir um livro de crônicas representa a oportunidade de resgatar determinadas memórias afetivas e, com elas, as emoções e vivências do autor relacionadas ao futebol. A crônica permite trabalhar olhares diferentes, que valorizam o acontecimento simples e a linguagem cotidiana, tudo sem grandes pretensões, como observa Antônio Candido:

Como no preceito evangélico, aquele que quer salvar-se acaba por perder-se; e aquele que não teme perder-se acaba por se salvar. No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despreziosa, insinuante e reveladora. E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na forma dos seus valores próprios. (CANDIDO, 1984, Prefácio)

Por se tratar de um produto, é necessário pensar processos e fases de execução. A proposta é desenvolver um planejamento que passa por etapas para além do texto: edição, planejamento visual e ilustração. Para que um produto desse tipo seja consumido, é preciso fomentar o interesse do leitor. Também é necessário cuidado e atenção com a estética. Um livro, afinal, pode ser julgado pela capa.

Idealizou-se, assim, um livro com uma ilustração para cada crônica, tendo como principal assunto o futebol. A ideia é que o leitor tenha, desde o início, a experiência de uma leitura leve e prazerosa. Pensando na fluidez e na qualidade da leitura, todas as crônicas estão

acompanhadas de sugestões de músicas que têm a ver com a temática de cada texto, com o objetivo de promover uma experiência diferente e saborosa para o leitor.

2.3 O projeto gráfico

O projeto gráfico foi feito em parceria com Gabriel Rodrigues e as ilustrações são de Bruno Miné. As dimensões do livro são: 12cm de largura e 18cm altura. O livro foi composto a partir da utilização de duas fontes, e esta opção resulta do desejo de que essas fontes, juntas, proporcionassem à obra uma identidade contemporânea e clássica, ao mesmo tempo. Uma das fontes, nomeada *Napo* e utilizada no tamanho 10, é a responsável pela composição textual do livro. Sua escolha deu-se porque se trata de uma tipografia com serifa moderna, mas que remete às antigas máquinas de escrever, proporcionando certa atualidade visual. Outra vantagem está na própria qualidade da serifa de facilitar a leitura em trabalhos impressos, permitindo maior legibilidade e reduzindo os riscos de fadiga no exercício de ler. Em contrapartida, para a titulação das crônicas optou-se por outra fonte: *Bebas Kai*. Utilizada no tamanho 30, a tipografia possui uma estética geométrica e é sans-serif, ou seja, não apresenta os desenhos e propriedades que caracterizam a serifa. A isso, soma-se o fato de ela ser versátil (por manter sua forma perante suas variações de dimensão) e por ser normalmente usada para dar ênfase. Assim, acaba sendo uma ótima escolha para títulos.

Para promover um alinhamento entre as páginas e a centralização das caixas de textos – visualizando o produto a partir de uma referência aos modelos clássicos dos livros –, o projeto foi construído dentro de margens específicas, com as seguintes dimensões: 1.vertical esquerda: 1,5 cm; 2.horizontal superior: 2,5cm; 3.vertical direita: 2cm; e 4.horizontal inferior: 2,5cm. As medidas são referentes ao tamanho das páginas (documento). Esses padrões de grids – permitindo maior focalização do conteúdo e, assim, maior concentração do leitor – foram pensados para estruturar a dinâmica do livro. Com o mesmo objetivo, os textos foram justificados, já que o uso desse recurso permite a criação de blocos visuais, que beneficiam a leitura do material impresso. Além disso, essa é uma prática comum nos processos de produção dos livros.

O trabalho de construção do conteúdo textual da obra foi inspirado, como já mencionado, nas produções de Nelson Rodrigues, Armando Nogueira, Jorge de Sá, Xico Sá, Alex Galeno, João Antônio, Gustavo de Castro, Antônio Candido – mas também em alguns dos trabalhos dos pesquisadores Brunello Amorim e da jornalista Nathália Viegas. Contudo, a

ideia primeira de produzir um livro de crônicas surgiu da obra de Armando Nogueira, “A Ginga e o Jogo”. Uma das crônicas trabalhadas relata esse episódio: “Durante anos, no banheiro social da casa da minha avó, descansava empoeirado, em cima do espelho, um livro de Armando Nogueira intitulado ‘A Ginga e o Jogo’. Em algum momento da minha adolescência, tomei a iniciativa de pegá-lo para ler.” O fato é que a leitura deste exemplar, além de ter inspirado e influenciado a minha escolha pelo curso de Jornalismo, também rendeu-me o sonho de tornar-me cronista – e o primeiro passo nessa direção é esse trabalho de conclusão de curso.

3 PAUTA ESTENDIDA

3.1 As histórias

O livro é composto por cinco crônicas. Embora todas elas tenham sido pautadas tendo como tema central o futebol, cada uma apresenta assuntos específicos, transformados em eixos norteadores: a relação entre a minha vida, o futebol e uma cidade; um navegador português e um time de futebol; a rivalidade carioca e um amor paternal; um ano e o futebol no Brasil e no mundo. Cada narrativa está acompanhada de dicas de músicas que são especiais para mim e têm total relação com o tema abordado. A ideia, com isso, é proporcionar uma experiência diferente para o leitor, trabalhando, além da leitura, o sentido da audição.

Para dar início ao produto, criei uma espécie de abertura, uma apresentação, com o objetivo de passar ao leitor o motivo de eu ter optado pelo curso de jornalismo, inserindo-me no mundo das crônicas e estabelecido um vínculo entre a crônica e o futebol. A partir dessas reflexões, falo um pouco da minha história de crescer com o sonho de ser jogador – e, ainda durante a juventude/adolescência, descobrir tantos ídolos e astros geniais que trabalham com futebol, mas que não atuaram de maneira literal dentro das quatro linhas. Conto, então, sobre como optei pelo jornalismo a partir do esporte. Foi a paixão pelo futebol, unida ao prazer da leitura e à incrível sensação de escrever, que me trouxeram ao Jornalismo – um aprendizado que, hoje, torna possível esse trabalho.

Todas as crônicas conversam com os meus ideais neste trabalho. O futebol, aqui, não é só um esporte. Com o futebol aprendi sobre história, sobre geografia, a respeitar e a ser

respeitado. Constatei e aprendi que tenho gosto pelo jornalismo e que quero trabalhar com isso por toda a minha vida.

3.1.1 Morada

A crônica de abertura do livro é inspirada no principal sentido da expressão “lar doce lar”. A narrativa começa com informações sobre o meu nascimento. Assim, tento fazer com que o leitor viaje comigo pelo dia, horário e local em que vim ao mundo e, conseqüentemente, pelo lugar onde meus pais moravam na época. Em seguida, faço uma espécie de tour, passando por cada cidade em que já morei. Eis que, então, a crônica caminha para o lugar mais especial de todos para mim: o Rio de Janeiro. Depois de falar da cidade e relacioná-lo ao futebol – e à minha vida – a crônica é encerrada quase que com um apelo para que aquele lugar, o esporte e minha vida nunca deixem de estar interligados. Isso traz novamente à tona essa ideia da “morada”, palavra que justifica o título.

Para a produção dessa crônica foi necessária, além da criatividade, o resgate das primeiras memórias da minha existência, que envolvem muito sentimento, informações pessoais e tudo de especial que o futebol e a cidade do Rio de Janeiro trouxeram para a minha vida. Para que o leitor se inspire nas experiências e sentimentos que trabalhei para escrever esse texto, foram sugeridas as músicas “Carioca” do trio Joe Kinni, Jakko e Bianca Chami. A canção é sobre o jeito de ser dos cariocas e estabelece uma relação entre os bairros da cidade do Rio de Janeiro e o que geralmente se faz neles. Já a outra música, “Bom dia Rio”, da Banda BossaCucaNova, fala sobre o amanhecer e as belezas da cidade do Rio de Janeiro. Na terceira, “Rio porque tô no Rio”, Danilo Cutrim e Vitor Isensee, da Banda Forfun, e Dedeco, da Banda Dibob, ambos cariocas, falam da rotina que eles levam na cidade maravilhosa. “Rio (Puro Suco)”, do rapper carioca Marcelo D2, fala sobre a vida no Rio de Janeiro, do subúrbio carioca à Zona Sul, onde se situa a elite da cidade. O cantor cita diversos bares e restaurantes que costuma frequentar, tanto nas regiões suburbanas como nas elitizadas.

3.1.2 O viajante

A segunda crônica do livro começa contando a história de Vasco da Gama, lendário navegador português, famoso por ter encontrado o “caminho para as Índias”, que rendeu a Portugal tantas especiarias, além da abertura do comércio marítimo. Inspirada nas grandes

navegações, a crônica continua contando a história do Clube de Regatas Vasco da Gama, considerado uma das grandes agremiações cariocas, apelidado carinhosamente de “Gigante da Colina” por seus torcedores. O texto é finalizado com a emoção de um torcedor, quando explico as razões pelas quais escolhi esse time para torcer.

Para escrever “O Viajante” não faltou inspiração. Foi necessário relembrar toda a história do navegador, que aprendi ainda pequeno, durante as aulas de História nas escolas por onde passei. Falar do Vasco é mais que embalar um sentimento ou emoção. É algo quase religioso, um encontro com o divino. Graças ao meu avô Edson Freitas, meu pai Marcelo Freitas e meu tio Fernando Almeida – citados na crônica –, pude escolher esse time para torcer e o que fiz, nessa produção, foi passar um pouco da história e do sentimento que esse clube proporciona à sua torcida. Para a experiência musical sugeri o samba enredo “De Gama a Vasco – a Epopéia da Tijuca”, da escola carioca Unidos da Tijuca, no carnaval de 1998.

A Unidos da Tijuca tem certa filiação à torcida do Vasco, assim como a Mancha Verde tem com o Palmeiras e a Gaviões da Fiel com o Corinthians, em São Paulo. A homenagem da escola de samba carioca foi feita porque, naquele carnaval, o Clube de Regatas Vasco da Gama completava 100 anos de existência. O samba enredo é entoado até os dias atuais pela torcida vascaína nos estádios sempre que o Vasco faz um gol.

3.1.3 O clássico dos milhões: uma rivalidade à parte

A terceira crônica do livro tem início com a rivalidade entre Flamengo e Vasco no futebol carioca. Na verdade, a rivalidade começa antes mesmo que futebol se transformasse em um dos mais importantes esportes do país. O Vasco é um clube suburbano, ao passo que o Flamengo é um clube da elite – e o conflito origina-se desde então. O texto lembra que o futebol surgiu depois das regatas e dos esportes náuticos. E que o Flamengo fez de tudo para que os negros e operários suburbanos, na época atletas do Vasco, não obtivessem sucesso no esporte bretão. Contra tudo e contra todos, o time da Cruz de Malta brigou por seu direito e se consolidou no cenário principal do esporte.

Com dados e números, a rivalidade é comprovada na crônica. Mas, a despeito desse antagonismo, uma relação pessoal e muito especial é criada em família, colocando orgulho e paixão à prova. Fui criado pela minha mãe, meus avós e meu padrinho, irmão da minha mãe, numa cidade do litoral fluminense. Meu padrinho foi a presença masculina mais marcante da minha vida, ainda que meu pai não fosse ausente – e de eu ter também, em casa, o meu avô.

Meu tio foi quem me ensinou tudo sobre viver. Com isso, herdei muitos de seus vícios e gostos, entre eles o samba, o rap e, principalmente, o futebol.

Passei por diversos campos, assistindo meu tio jogar bola, e pouco depois dei meus primeiros passos em escolinhas e clubes do interior. Essa crônica conta um pouco dessa relação ao longo da minha infância e da minha adolescência com meu padrinho. O que ele não contava era que eu fosse torcer justamente para o maior rival do seu time. Meu tio é flamenguista e eu sou vascaíno, mas apesar de toda a rivalidade e de todos os embates que os dois clubes levavam para dentro e para fora dos campos, aprendemos a nos respeitar e entender. O mais interessante de toda essa história é que nos amamos incondicionalmente e temos um enorme carinho um pelo outro. Outro fato interessante é que, apesar do “desgosto esportivo”, herdei ainda outra característica de meu padrinho: tornei-me zagueiro no futebol.

Meu tio marcou a minha infância – e foi e é tudo na minha vida. Essa crônica foi feita e idealizada em homenagem a ele. As sugestões musicais são, em primeiro lugar, “Vasco e Flamengo”, da dupla Caju e Castanha. Esse é um repente nordestino que conta, de forma bem humorada, a história e rivalidade de ambos os clubes. É como uma conversa, e o toma lá dá cá do repente proporciona uma experiência incrível. A outra sugestão é “O campeão”, do Neguinho da Beija-Flor, famoso sambista carioca. A música é entoada em todos os estádios brasileiros, principalmente pelos clubes do Rio de Janeiro. O que poucos sabem é que o samba foi concebido para o Vasco da Gama – e que o Neguinho da Beija-Flor é flamenguista. A música é, assim, perfeitamente adequada para o texto.

3.1.4 Teoria comportamental

A quarta e penúltima crônica do livro fala sobre o ano de 2002. O início do texto tem, como ideia central, uma contraposição entre alguns episódios de destaque que marcaram esse período e os dois únicos acontecimentos em geral recordados pela maioria dos brasileiros quando esse ano é mencionado: a eleição do então presidente Luís Inácio Lula da Silva e o pentacampeonato da seleção brasileira.

Foi em 2002, por exemplo, que se iniciou a guerra dos Estados Unidos da América com a al Qaeda, liderada pelo terrorista Sadam Hussein. O então presidente norte-americano George Bush havia declarado guerra a alguns países do Oriente Médio, como Irã, Iraque e Afeganistão. O motivo foi o atentado às Torres Gêmeas, em 11 de setembro do ano anterior. Foi também um ano difícil na Colômbia, devido aos conflitos que envolviam as Farc. No

Brasil, morria o médium mais famoso do país, Chico Xavier, e também o jornalista da Rede Globo, Tim Lopes, assassinado por grupos de tráfico de drogas no Complexo do Alemão. Morria também o cantor Claudinho, que na época formava uma dupla com o Buchecha.

Todos esses fatos raramente são lembrados. Se pedir para qualquer pessoa citar dois episódios ocorridos no ano de 2002, decerto as respostas serão a vitória de Lula nas urnas e o pentacampeonato da seleção canarinho. Mas a partir daí, a crônica muda o foco e passa a retratar como foi aquela Copa do Mundo – dos jogos eliminatórios até a vitória na grande final, passando pela convocação do time para disputar o mundo no Japão e na Coreia do Sul. Recorrendo à memórias de infância, pude reviver minhas experiências com aquela disputa, os lugares que frequentava e onde assisti aos jogos. Recordei também o meu aniversário de 7 anos, celebrado junto com as comemorações que marcaram o jogo entre Brasil e Turquia nas fases finais – e o grande título conquistado em 30 de junho. A ideia da crônica é fazer uma crítica, atentando o leitor que vivemos numa “Terra de Cegos”, pois mesmo testemunhando perdas e conflitos no país e no mundo – com episódios relacionados à alta da inflação, à corrupção, às guerras e mortes de pessoas – tudo acaba esquecido e superado quando a seleção brasileira de futebol marca gols ou ganha uma copa. O que reforça de maneira sensacional essa ideia é a teoria comportamental idealizada por Daniel Kahneman e Amos Tversky, que consiste basicamente na seleção de memórias que fazemos de forma inconsciente sobrepondo os fatos positivos aos negativos.

Para a experiência musical, foi sugerida, em primeiro lugar, a música “Brazuca”, do rapper Gabriel O Pensador. Nessa canção, ele conta a história de um menino que nasceu para ser um jogador de futebol, ganhar milhões e jogar uma Copa do Mundo – ao passo que seu irmão, apesar de ter sido criado junto nas favelas do Rio, tenta correr atrás do seu “ganha pão” para se manter vivo. Gabriel escancara, para os ouvintes, a triste desigualdade social brasileira. A segunda música sugerida foi “Pátria que me pariu”, também do rapper Gabriel O Pensador. Aqui ele fala do Brasil como se fosse uma prostituta e, por se esquecer de tomar a pílula anticoncepcional, acaba engravidando. A missão do Brasil, então, é matar aquele feto, que inúmeras vezes conseguiu escapar da morte. Da vida até a morte da criança, Gabriel narra a realidade de milhares de crianças moradoras de favela no Brasil, como se fossem criadas para o abate – e que possuem, como único sonho, ser jogadoras de futebol.

A última música sugerida é de autoria da banda carioca Forfun. “Terra de Cego” foi uma das últimas músicas lançadas pela banda antes dos integrantes se separarem e colocarem um fim ao projeto musical. A canção fala sobre as angústias e defeitos de cada indivíduo, de

coisas que nos decepcionam e que nos deixam tristes ou revoltados. Diz também que o sujeito, para salvar seu bem-estar no mundo e se livrar de todas as maldades, precisa poder contar consigo mesmo. Essa música foi muito tocada em vários protestos de rua.

3.1.5 País do futebol

A crônica que fecha o livro acaba partindo mais da lógica geral do que da lógica particular. Nela falo sobre a “brasileiragem” e o “futebol moleque” – expressões populares que refletem a ideia do Brasil como o *país do futebol*. Para não trabalhar com afirmações levianas, tento encontrar algumas razões concretas que possam justificar esse “título”. Traço, assim, um paralelo entre a história do futebol mundial propriamente dita – desde a criação do esporte pelos ingleses, ou, quem sabe, pelos chineses – até os dias atuais. Na sequência, recordo as Copas do Mundo e seus campeões, bem como os grandes astros e ídolos do futebol mundial. Por fim, acabo concluindo que nós, brasileiros, não criamos nem somos os únicos a disseminar a cultura do futebol. Porém, sem o Brasil este esporte seria muito mais chato e engessado.

Para elevar a experiência musical, sugeri as seguintes músicas: “Futebol”, do grande ídolo e compositor brasileiro Chico Buarque. Nessa canção, Chico cria uma relação metafórica entre a vida cotidiana e o mundo do futebol; A canção interpretada por Wilson Simonal, “Aqui é o país do futebol”. De forma especial, Simonal canta a mais pura essência do jogo com a bola nos pés. Mostra que, enquanto uma partida acontece, nada mais importa a não ser o próprio esporte bretão. Brasil é só futebol e todo resto fica lá fora. No mínimo, icônico. Já a terceira canção é da banda mineira Skank, para enriquecer uma crônica desse calibre. “É uma partida de futebol” não poderia ficar de fora. Afinal, quem nesse país não sonhou em ser um jogador de futebol?

Por fim, a última sugestão é “Na veia” de Marcelo D2. A música se encaixa ao texto, promovendo a batida mais que perfeita para a leitura. Nessa música, D2 passa por diversos bairros e lugares boêmios do Rio de Janeiro, cantando as localidades mais tradicionais da cidade. Apesar de a maior parte da música ser um samba, o *freestyle* cuidadosamente inserido na metade da obra nos leva para um passeio pelo subúrbio carioca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse produto demonstra, na minha perspectiva, que a crônica é, de fato, um gênero jornalístico e também literário – e que um gênero não exclui o outro. O objetivo principal desse trabalho é justamente produzir um livro de crônicas capaz de contar histórias reais, como faz o jornalismo, mas marcadas pelas subjetividades trabalhadas pela literatura. Eu quero mostrar a paixão pelo futebol utilizando a linguagem jornalística, mas sem abrir mão das minhas emoções e opiniões que marcam esses acontecimentos.

Como já mencionei, a inspiração para a confecção desse livro começa com a leitura de um livro do jornalista e cronista Armando Nogueira que encontrei empoeirado no banheiro da casa da minha avó, durante a minha infância. Essa história, tão valorizada nesse trabalho, me faz perceber como é gratificante ter percorrido esse caminho até ver o resultado deste trabalho. Entretanto, as dificuldades e desafios foram várias durante o processo.

Em um primeiro momento foi necessário estudar, analisar e compreender as diferenças entre as narrativas possíveis – existem as matérias jornalísticas, as crônicas, os contos e os romances, entre outras. Após esse estudo, tive a certeza de que estava no caminho certo, mas então surgiu a dificuldade de escrever um texto voltado com a estrutura de crônica – e não de um conto. Vencida essa etapa, metade do trabalho se desenvolveu de forma gratificante e simples. Fui adquirindo mais habilidade e conhecimento a cada palavra escrita. Até que me deparei com a produção das crônicas propriamente ditas.

Ao produzir cada crônica, observei que tinha dificuldade para adequar minha escrita ao modelo, que deveria ser leve, conciso e fácil. Tentando alinhar todos esses elementos pude compreender por que as crônicas proporcionam tanto prazer para quem as lê, mas também para quem as produz. O resultado é sensacional. Tive certeza, por exemplo, de que a produção de crônicas pode contribuir para a potencialização do esporte e do sentimento de satisfação para quem as lê e gosta do futebol. As memórias e as experiências que trabalho nesse livro, como autor, estão diretamente ligadas à sensação de prazer e de amor que muitos torcedores carregam e experimentam por causa do futebol e do mundo esportivo.

No mundo da formação acadêmica, as crônicas, como forma de narrativa, acabam passando quase despercebidas, talvez devido à simplicidade da linguagem que marca esse tipo de produção. É notória a preferência por narrativas mais bem elaboradas nas escolas e universidades. Penso que as instituições de ensino, principalmente no início da vida escolar, deveriam apostar nas crônicas como possibilidade de incentivo à leitura e à produção de textos para crianças e jovens.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. É uma revolução. In: ANTÔNIO, João. **Malhação do judas carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Grupo Editorial Record. 1975.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: ANDRADE, Carlos Drummond et al. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984, volume 5, Prefácio.

MELO, José Marques de. A crônica. In: CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

MENEZES, Rogério. Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo. In: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2ª ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005, p. 163-171.

NOGUEIRA, Armando. **A ginga e o jogo: todas as emoções das crônicas de ARMANDO NOGUEIRA**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SOUZA, Brunello Amorim de. **Modernização x Romantização: análise das crônicas de Xico Sá e PVC sobre a seleção brasileira na copa do mundo de 2014**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de jornalismo da UFOP. Mariana, 2017.

VIEGAS, Nathália Nunes. **Arte no Gramado: Histórias do Futebol amador**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao curso de jornalismo da UFOP. Mariana, 2014.